

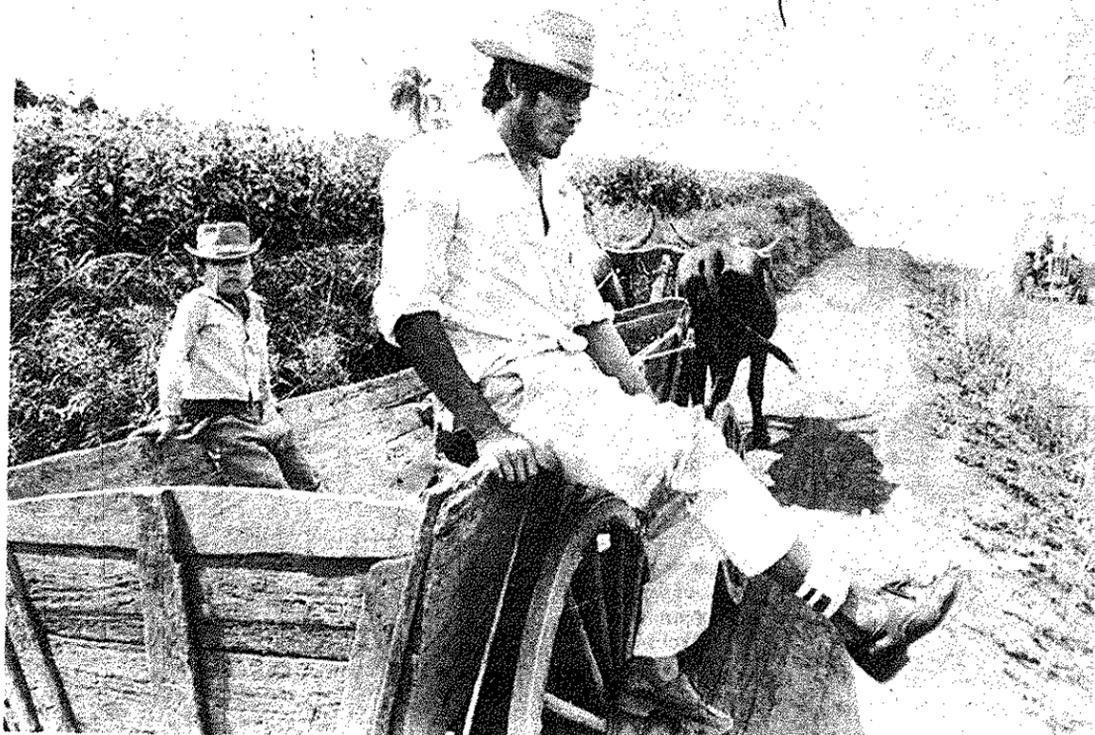
Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Zero Hora*

Class.: 628

Data: 23.03.81

Pg.: _____



longotê levou um tiro. Foi de raspão, mas poderia ter deflagrado uma guerra na reserva

O clima tenso diminuiu. Mas, durante a semana que passou, a reserva de Miraguaí viveu maus momentos. E a Funai recebeu muitas críticas. De todos os lados

Para cacique, gente pobre na reserva não dá lucro

O cacique dos 2.400 caingangues, da reserva indígena de Guarita, é Sebastião Alfaiate: um homem que fuma Charm, corre de carro o dia inteiro e, de quando em vez, paga Cr\$ 6 mil por um beijo de uma branca. É ele que, com seus cinco capitães e mais a polícia índia, controla toda a reserva e faz uso de quase tudo que está lá dentro. Cada um deles tem de 100 a 150 hectares, enquanto os índios "sem graduação" dispõem de 15 hectares cada um. É esta elite indígena que faz os arrendamentos de terras para os brancos e foi justamente ela quem ajudou a expulsar o pequeno agricultor. Hoje, 50% dos arrendamentos são feitos para granjeiros. Para gente que veio de longe, com tratores e automotrizas fazer uso das terras de Guarita.

Até 1975, a Funai mantinha uma roça de 500 hectares, onde trabalhavam todos os índios. O restante das terras eram arrendadas para os brancos. Dois anos depois, a Funai suspendeu estes acordos e os próprios índios ajudaram a expulsar os pequenos agricultores que estavam trabalhando dentro da reserva. Depois disso, os arrendamentos começaram a ser feitos, diretamente, entre índios e brancos e o cacique Alfaiate descobriu que gente pobre, dentro da reserva, não dava lucro — começou a infiltração dos grandes agricultores.

— Sem recursos como é que nós vamos plantar? A Funai tinha

aquela tal de roça comunitária, de 500 hectares, onde os índios trabalhavam e não viam nem a cor do dinheiro. Ai a gente se recusou a continuar trabalhando para eles e começamos a arrendar nós mesmos as terras da reserva.

O cacique Alfaiate explica assim o começo da infiltração dos granjeiros na área. Ele diz também que "começou a se avivar" e uma prova disso é o monopólio que hoje mantém dentro da reserva. Pelo que tudo indica, a atuação da Funai, até agora, tem sido realmente fraca e suficientemente desacreditada para convencer os índios a plantar por conta própria. E motivos para isso é o que não faltam: a Funai tinha oito tratores e duas automotrizas que acabou vendendo (em leilão) depois que os índios não quiseram mais trabalhar na "lavoura comunitária". A serraria e a marcinaria (e aí estão alguns milhões de cruzeiros) está fechada porque a Funai não está mais explorando a madeira da reserva de Guarita. Quer dizer, quando mudam os interesses da Funai, automaticamente o apoio material é retirado. E, é por tudo isso, que os índios se revoltam e acabam apolando o cacique Alfaiate:

— Quando havia a lavoura da Funai, esta de 500 hectares, havia

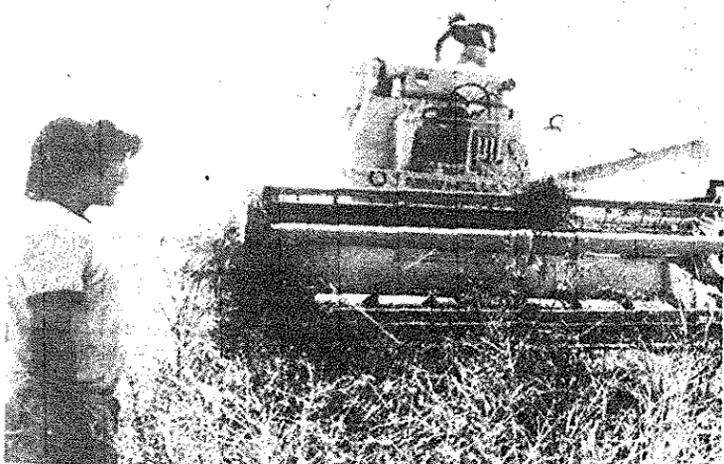
tratores e automotrizas, mas eles acabaram vendendo tudo. Agora a Funai tem dois tratores bem novinhos e que estão parados, não fa-

zemos uma roça para índio. Tem serraria, tem marcinaria, mas está tudo embargado, não podemos nem tocar. Só funcionava quando o dinheiro era para eles e, naquele tempo (dois anos atrás), o IBDF nunca apareceu para fiscalizar. Agora, somos nós que tiramos a madeira para nós mesmos, o IBDF quer fiscalizar tudo.

O índio Jatá é quem diz isso e, parece, que quase tudo está certo, menos uma coisa: os índios estão facilitando a retirada de madeira que é trocada, com os brancos, por velhos automóveis. Os agentes do IBDF procuraram formas de provar esta "venda ilegal" — como dizem — mas os índios dão risadas e pedem "provas, documentos". É por causa de todas estas peripécias da Funai que os índios dizem: "Se a Funai quer proibir que o branco plante dentro da reserva, vai ter que dar recurso para que o índio possa trabalhar. Mas já vamos avisando: nós não vamos dar terras para a Funai fazer de novo aqueles seus projetos".

Não é preciso dizer que os agricultores estão do lado do cacique Alfaiate e contra a Funai em todos os pontos de vista. Para isso, relembram como viviam "os bugres" há sete anos. Gente de lá fala na marginalização, nos roubos e nas brigas, dos índios. Agora, eles afirmam que há uma "irmandade" que a Funai pretende desmanchar. Isso são palavras de quem está defendendo os interesses dos grandes granjeiros e que também manipulam este Cacique dos caingangues e sua polícia índia da maneira que querem. Na opinião deles, a Funai tem que se afastar de vez e deixar que o cacique Alfaiate "trabalhe" sossegado.

Na reserva indígena de Guarita, falta moral, empenho e, principalmente, palavra para os representantes da Funai. A esta altura, as declarações dos funcionários daquele órgão servem de piada nos bares da Vila de Irapuá, onde as lideranças índias se reúnem. Atualmente, naquela reserva, só quem esta tirando proveito são os granjeiros e a turma do cacique: pequeno agricultor não entra na reserva e toda a tribo dos caingangues está mal, passando fome. É por isso que eles dizem: "Funai há gpã hchã tu Hchehes 6 ana ki" (Funai esqueceu índio de Guarita há seis anos).



Alguns índios arrendam terras. Fazem parte de uma elite